

Uma vida dedicada à segurança alimentar: entrevista com Renato Maluf sobre Josué de Castro

Entrevistado por Renato Carvalheira do Nascimento

Casado, pai de duas filhas, 56 anos, nascido e criado em Piracicaba, interior de São Paulo, a trajetória de Renato Sérgio Jamil Maluf tem uma ligação profunda com o tema da segurança alimentar e nutricional no Brasil. De uma família de cinco irmãos, pai comerciante e mãe dona de casa, “a alimentação sempre foi uma preocupação para uma família de origem libanesa”, afirma.

Em 1985 participa da equipe que elabora o documento *Segurança Alimentar – proposta de uma política contra a fome*, marco na história das políticas públicas de alimentação e nutrição no Brasil, pois foi a primeira vez que o termo foi utilizado com a finalidade de propor uma política.

Em 1991, ele foi um dos principais articuladores do grupo de trabalho do chamado Governo Paralelo para a elaboração da primeira proposta de uma Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional para o País. O projeto foi entregue pelo atual Presidente Lula ao então presidente Itamar Franco e resultou na criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (CONSEA).

Vale lembrar que o patrono do CONSEA é Josué de Castro, que teve seu nome aprovado por unanimidade pelos membros em 2003, no mesmo ano que o Conselho foi recriado.

O professor e economista Renato Maluf é atual Presidente do CONSEA da Presidência da República. Seu mandato de dois anos iniciou logo após a III Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Fortaleza), em novembro de 2007. Possui pós-doutorado na École des Hautes Études en Sciences Sociales (França, 2000-2001) e na Universidade de Oxford (1996-1997). É doutor desde 1988, com a tese *Um “Mal Necessário”? Comercialização Agrícola e Desenvolvimento Capitalista no Brasil* e mestre desde 1977 com a dissertação *Expansão do Capitalismo no Campo: o Arroz no Maranhão*, ambos em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Graduiu-se em Economia na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) em 1973.

Além de professor do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) é coordenador do Centro de Referência de Segurança Alimentar e Nutricional (CERESAN) localizada na mesma universidade, e integra o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e Nutricional (FBSAN).

Apesar de não se considerar “um bom conhecedor” de Josué de Castro, a conversa foi longe. Entrevista realizada no Rio de Janeiro, no dia 13 de março de 2009.

R. C. N.: Como surgiu o interesse pelo tema da fome e da alimentação na sua vida?

R. M.: A alimentação sempre foi uma preocupação para uma família libanesa numerosa como a minha, são cinco irmãos, sou o segundo mais velho. Meu pai era comerciante, já faleceu. Minha mãe é dona de casa, ainda viva. Meus pais são primos, por isso só tenho um sobrenome, Maluf. Depois seguiu com a minha formação e interesse de pesquisa.

R. C. N.: Qual foi a sua formação? Por que escolheu Economia?

Sou economista, formado em Piracicaba mesmo. Lembro que para escolher fiz um teste de aptidão, aconselhado pela minha mãe. Acho que deu Administração ou algo parecido. Tinha uma preocupação material, não no sentido materialista do termo, mas da vida material, como são produzidos e distribuídos os bens numa sociedade. Além disso, não queria sair da cidade, como alguns amigos meus que foram para Campinas e São Paulo (capital). Também não queria fazer as engenharias, como era moda na época. Daí acabei optando por Economia. Era um curso que englobava Contabilidade e Administração, afunilando para Economia só no quarto ano. Trabalhava na loja do meu pai de dia e estudava à noite. Era um contexto da ditadura, mas havia professores de esquerda de outras cidades, por exemplo da Unicamp, que faziam do curso algo interessante. No final de 1973 acabei o curso e fiz a prova da Associação Nacional de Pesquisa em Economia (ANPEC) e passei. Optei pelo mestrado em Campinas, originalmente com interesse na área de comércio internacional, mas depois virou para a área da agricultura e alimentos. Essa opção temática reflete muito a formação familiar, os libaneses valorizam muito a relação com os alimentos. É uma relação forte, da essencialidade e sacralização dos alimentos. Como estava participando de um projeto de pesquisa sobre comercialização agrícola que tinha entre seus coordenadores meu colega professor Nelson Delgado¹, acabado de chegar dos EUA, e neste projeto fui designado para

1 Atualmente é colega do prof. Renato Maluf no CPDA/ UFRRJ.

trabalhar a produção de arroz no Estado do Maranhão acabei por fazer minha dissertação sobre isso, em 1977. O doutorado também seguiu o mesmo tema da comercialização agrícola e alimentos.

R. C. N.: Era pleno anos 1970, um período conturbado de nossa história, o que você fez depois do mestrado?

R. M.: Em 1975 tornei-me professor da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), no Departamento de Economia. Já participava do que se chamava MDB Jovem, era militante partidário. Juntamente com colegas fundei o Partido dos Trabalhadores em Piracicaba, fui presidente inclusive. Fui militante sindical, presidi a Associação dos docentes da UNIMEP (ADUNIMEP) e participei da fundação da Associação Nacional do Docentes de Ensino Superior² lá na cidade. Fiz greves, passeatas. Participei da seção local do Comitê Brasileiro de Anistia. Era bastante envolvido com a política local, fui até candidato a prefeito de Piracicaba em 1982 pelo PT. Era apenas para concorrer, não tinha nenhuma chance de ganhar. Na verdade, apesar de me dedicar bastante, não queria ser prefeito.

Lembro que nos anos 1980 fazia muita coisa, tinha me casado em 1975, era professor, já tinha minhas duas filhas, tinha entrado no doutorado em 1979 também na Unicamp e escrevia a versão final da tese em plena campanha eleitoral em 1988, quando o prefeito José Machado foi eleito pelo PT para o mandato de 1989 à 1992. Trabalhei na campanha e fui chefe de gabinete do prefeito até janeiro de 1990, quando fui chamado no concurso para professor no CPDA que tinha feito em 1988. Esse ano, aliás, foi especial, defendi meu doutorado e fiz minha primeira viagem à Europa.

R. C. N.: Por que escolheu o Rio de Janeiro para morar?

R. M.: Tenho uma longa relação com a cidade. Passei minha lua-de-mel aqui e sempre gostei de samba, minha mãe falava que quando criança eu dizia que iria me casar com uma “preta” da Mangueira. Gosto muito dessa cidade, sempre gostei de samba e carnaval.

R. C. N.: Como se deu o histórico trabalho para o então ministério da agricultura em 1985?

2 A partir da Constituição Federal de 1988, passa a se chamar Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior – ANDES-SN.

R. M.: Foi um trabalho de equipe, envolvendo umas oito pessoas, coordenado por Ronaldo Garcia, na época superintendente de planejamento do Ministério e que pertencia aos quadros do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Originalmente não era um trabalho sobre fome, mas sobre agricultura e abastecimento alimentar. Foi tomando forma e o que era fome passou a ser segurança alimentar; não quisemos adotar o espanholismo segurança alimentar, como propuseram alguns posteriormente. O termo segurança foi preferido justamente para se contrapor aos militares e seu conceito de segurança nacional. Era para ir contra mesmo. Depois fiz uma consultoria para o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA)³ sobre o mesmo tema. Dando continuidade, participei no início dos anos 1990 dos trabalhos do Governo Paralelo, presidido pelo atual presidente Lula, na área coordenada pelo saudoso José Gomes da Silva⁴, na qual foram produzidos documentos sobre política agrícola, política agrária e o nosso da política nacional de segurança alimentar. Nesse trabalho participaram, entre outros, Flávio Valente, então em Florianópolis, e José Roberto Escórcio que trabalhava na Secretaria Municipal de Abastecimento da prefeita Luiza Erundina.

R. C. N.: Quando foi o primeiro contato com Josué de Castro?

R. M.: Infelizmente, foi tardio. Até no mestrado, por defeito meu, tive pouco contato com o autor, só conhecia superficialmente o *Geografia da Fome*. Ler para valer mesmo foi entre 1990 e 1992 quando Betinho falava da fome e citava Josué de Castro. Foi quando li mais profundamente *Geografia da Fome* e também *Geopolítica da Fome*. Mas nunca parei para escrever algo sobre ele, só fiquei mais seguro com o autor quando, alguns depois, estando em pós-doutoramento na Inglaterra, o Nelson (Delgado, professor do CPDA) me enviou uma reedição em capa dura do *Geografia da Fome*. Foi um choque de vanguarda essa releitura. Na época li também *Homens e Caranguejos*, uma outra vertente que não conhecia nele, a de romancista. Foram as ideias de tabu da fome e de sexo, bem como a de enxergar alimento dentro do quadro regional e ecológico que me chamaram a atenção. Em relação a primeira ideia lembro que tinha lido na biblioteca de Oxford um livro intitulado HUNGRY FOR YOU. A autora falava sobre a relação comida, mulher e sexo. Tinha uma analogia com o que Josué tinha falado sobre a

3 Ligado à Organização dos Estados Americanos.

4 Engenheiro agrônomo, conhecido como “Zé Sojinha”, foi um dos principais defensores da reforma agrária no Brasil. O coordenador do Plano de Segurança Alimentar do Governo Paralelo foi secretário de Agricultura e presidente do Instituto Nacional de Reforma Agrária – INCRA.

fome e o sexo serem dois tabus no nosso mundo, o segundo desvendado por Freud. A fome de alimentos restou como algo proibido, que não se discute, que não se fala. Essa ideia era fantástica. A outra ideia era do alimento como elo entre os grupos humanos e o seu meio. Muito na linha do que fizemos no artigo⁵ apresentado no *Colloque Josué de Castro dans le XXIe Siècle* em Paris (15 a 17 de janeiro de 2009). Josué foi um dos que inaugurou a tradição de inserir a questão alimentar e nutricional nos processos de desenvolvimento por seu pioneirismo ao destacar a relação entre a natureza e o social. Uma relação que se perturbada se manifesta na fome, como bem estabelece Josué de Castro.

Era época também da Cúpula Mundial da Alimentação realizada em Roma em 1996. O tema da fome estava em alta, daí para frente meu interesse por Josué de Castro só foi aumentando. Criamos também o Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar, em São Paulo, em 1998. Foi um fato importante para a sociedade civil se reestruturar em torno da questão. Li sua dissertação de mestrado, depois foram aparecendo textos e reedições sobre ele. Em 2006 foi o cinquentenário de Geografia da Fome e em 2008 o centenário de nascimento.

R. C. N.: Houve alguma menção a Josué de Castro em 1993 quando foi criado o primeiro CONSEA e na I Conferência Nacional de Segurança Alimentar em 1994?

R. M.: Minha participação no primeiro CONSEA limitou-se aos momentos anteriores a sua instalação, como participante da equipe do Governo Paralelo. Não fui convidado a integrá-lo como conselheiro. Já em 1994 quando da realização da primeira conferência na Universidade de Brasília lembro que cheguei na manhã seguinte da abertura, fiz uma apresentação que me deixou muito satisfeito sobre a abordagem da segurança alimentar que vínhamos desenvolvendo. Não participei diretamente da organização do

5 O artigo a que se refere é A Alimentação como Elo entre Grupos Humanos e Natureza na Obra de Josué de Castro, apresentado por Renato Maluf no Colóquio organizado pelo Departamento de Geografia da Universidade de Paris VIII – Vincennes, onde Josué de Castro deu aulas logo após o golpe de 1964. Era responsável pela cadeira de Geografia dos Países Subdesenvolvidos e no ano de 1970 institui e coordena o grupo de pesquisa em ecologia humana nessa mesma universidade.

evento, liderada pelo Flávio Valente⁶, Dom Mauro Morelli⁷ e, da parte do governo, por Nathalie Beghin⁸ e Anna Peliano⁹, ambas pelo IPEA. Eles podem dar mais detalhes sobre as referências à Josué. Mas era com certeza lembrado nas reuniões do Conselho e na fala dos conferencistas, porque a discussão passa necessariamente por Josué de Castro, por questões que ele abordou. O primeiro Consea foi uma experiência que durou apenas dois anos e na retomada do Conselho, em 2003, a importância que Josué de Castro recebe é muito maior. Não me lembro de quem foi a ideia de tê-lo como patrono. A visibilidade que ganhou com o governo Lula foi muito grande, merecida.

R. C. N.: Qual a importância hoje da obra de Josué de Castro?

R. M.: Suas análises permanecem bastante atuais como pude verificar ao avaliar os 10 Pontos para Vencer a Fome¹⁰, uma proposta dele quando presidia o Conselho-Executivo da FAO nos anos 1950. Dos dez pontos propostos, oito são atuais para o Brasil. Ele foi realmente muito visionário. O que chama a atenção é sua forma multidisciplinar de ver o fenômeno da fome, relacionada à agricultura, à nutrição, ao latifúndio, à política. Ele recoloca a questão da fome em outro patamar de discussão. Lembro do discurso do Presidente Lula quando da plenária do CONSEA em Recife, dia 05 de setembro, para comemorar o cinquentenário de seu nascimento, quando disse que a coragem e a determinação de Josué de Castro serviram de inspiração para a criação do conselho e do próprio Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome, que se preocupam hoje com as mesmas coisas que o pesquisador, 35 anos após a sua morte. O Presidente afirmou ainda que, naquele momento, a sociedade brasileira estava recuperando Josué de Castro, recolocando-o no lugar que merece. Em lugar de criticar os adversários, estávamos celebrando nossos heróis. A socióloga e doutora Ana Maria de Castro, filha de Josué, também fez um discurso

- 6 Foi um dos organizadores do evento que contou com quase 2.000 pessoas entre delegados, convidados e observadores. Secretário-geral da Fian Internacional, situada na Alemanha que atua na defesa dos Direitos Humanos. Foi relator nacional de Direitos Humanos no Brasil e secretário-geral do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar.
- 7 Atual Presidente do Conselho Estadual de Segurança Alimentar de Minas Gerais, é bispo emérito de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense.
- 8 Presidente da Ação Brasileira pela Nutrição e Direitos Humanos, antigamente coordenada por Flávio Valente.
- 9 Socióloga, ainda permanece no IPEA.
- 10 Artigo sob forma de entrevista realizada por Vandek Santiago, dia 05 de setembro de 2008, Diário de Pernambuco, Caderno Vida Urbana, p. C-4.

que me tocou, falando que o pai tinha retornado à sua terra natal na forma de um “gigante”, na presidência de outro ilustre pernambucano, fechando um ciclo. Foi um momento muito simbólico essa plenária em Recife, cuja ideia foi do Conselheiro e médico pernambucano Malaquias Baptista. Foi dele a ideia do local e do remanejamento da data para cair exatamente no dia 5 de setembro, quando Josué de Castro completaria exatos 100 anos. Foram muitas coisas bonitas, foi um desses momentos mágicos da vida. Foi um culto à memória desse personagem tão importante para a política de combate à fome no Brasil.